

Redacção, Administração, Tipografia  
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar  
LISBOA — PORTUGAL  
TELEFONE 539 TRINDADE  
Officinas de Impressão e Estereotipia  
RUA DA ATALAIA, 114 e 116  
Este jornal não se publica às segundas-fei-  
ras. — Não se devolvem os originais. — Os arti-  
gos publicados são responsabilidade dos seus autores.

# A BATALHA

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRAIA  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL  
DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional  
dos Trabalhadores  
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal,  
Lisboa, 90\$50; Província, 3 meses 23\$50,  
Africa Portuguesa, 6 meses 70\$00; Estrangeiro,  
6 meses 110\$00.

QUINTA-FEIRA, 24 DE SETEMBRO DE 1925 DIÁRIO DA MANHÃ PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2091

## Inaugurou-se ontem com grande imponência em Santarém o I Congresso Confederal

(Do nosso enviado especial)

SANTARÉM, 23.—Os 161 delegados que vêm tomar parte no Congresso Confederal deram à hospitaleira cidade escalatiniana uma fisionomia agradável. Em todas as ruas e para todas as suas direcções os congressistas se dirigem na consoladora esperança de avistarem a paisagem bucólica que circunda a cidade. Há em todos eles uma expressão de confiança no trabalho que vão realizar e que dentro de horas terá o seu início.

A população de Santarém, hospitaleira como poucas, acolheu carinhosamente os seus hóspedes que se encontram espalhados pelos hotéis e hospedarias citadinas. Houve certa dificuldade em conseguir-se alojamento, pois Santarém poucas vezes se viu com tão elevado número de visitantes.

Alguns proprietários, aproveitando-se da circunstância, elevaram os preços das diárias, convencidos de que a carência de alojamentos lhes facilitaria os seus desejos. Conhecedor do facto, um membro da comissão organizadora do Congresso fez-lhes sentir quão de injusto e de impróprio isso representava para uma cidade de tradições como Santarém, e os homens emendaram a mão. Todavia, não deixa de verificar-se uma grande disparidade nos preços, disparidade que vai ao ponto de as diárias irem de 11\$00 a 22\$00. Mas nem tudo se deve medir pela mesma bitola. O proprietário da "Leitaria Scalabis" teve a gentileza de fazer uma redução de 10% nos preços de todos os produtos vendidos no seu estabelecimento. Dessa concessão têm utilizado os congressistas a quem aquele senhor tem dispensado o melhor dos acolhimentos.

Aparté estes pequenos nadas, que se perdem no grande movimento da cidade, os congressistas encontram-se muito satisfeitos com a atenção dispensada por toda a população. Mesmo a burguesia, a quem não agrada a preparação do operariado, não esboçou o mais leve gesto de hostilidade contra os visitantes de agora.

Os delegados rurais têm sido alvo das atenções do povo escalatiniano, pelo característico dos seus trages e pela siudez das suas expressões.

A-pesar-de convergirem para eles todos os olhares, os escravos da gleba logo que rompe a alva percorrem a cidade estudando os costumes, analisando os hábitos e votando ao snobismo que vislumbra o desprezo a que a sua simplicidade dá origem.

Enfim, se no decorrer dos trabalhos do Congresso existir a mesma harmonia e inteligência que nós registámos, podemos desde já assegurar que o I.º Congresso Confederal é a maior manifestação do proletariado português organizado, pela sua elevação moral e pela grandeza de atitudes dos congressistas. E oxalá que assim seja, pois o proletariado conseguirá que a sua organização marque um lugar de destaque no meio de toda a balbúrdia política.

### 1.ª Sessão

O Congresso é composto por 116 organismos

Na ampla sala de espectáculos do teatro da Bandeira, o I.º Congresso Confederal inaugurou os seus trabalhos às 14.40 de hoje. A sessão de abertura presidiu Silva Campos, que foi secretariado por Luís Gonzaga e Carlos Coelho, todos da Comissão Organizadora do Congresso.

Silva Campos com um timbre forte de voz diz que a comissão organizadora encontra-se orgulhosa por ver que o Congresso, apesar das dificuldades da sua preparação, correspondeu aos desejos dos seus organizadores. Mais ainda: se atendermos à delicadeza do momento que atravessamos ele foi além de toda a expectativa.

Esse facto, prosseguiu o orador, é a mais viva demonstração da vitalidade da organização operária e dá-nos a esperança de podermos prosseguir na luta contra o predomínio da burguesia e contra a existência do Estado. Por aqui poderá a burguesia desiludir-se do aniquilamento da classe operária, pois a sua organização longe de demonstrar-se ainda se consolida. Se nos amamos esta prova de vitalidade, outro tanto não sucede com o comodismo de alguns elementos tão preciosos para a luta que temos que desenvolver. E se essa colaboração não tivesse faltado muitos e muitos maiores poderiam ser os progressos do movimento sindicalista.

Ainda há outra circunstância a atender: refiro-me à campanha desleal usada por alguns elementos nossos adversários. Mal aqueles que para fazer triunfar as suas opiniões procuraram aniquilar os adversários que sejam os intérpretes das ideias que nos guiarão no futuro.

Fortes aplausos coroaram o discurso de Silva Campos.

Em seguida Luís Gonzaga procedeu à chamada dos organismos representados no Congresso tendo respondido a ela, depois de trocadas explicações entre o presidente, Felisberto Baptista, Francisco Viana, Pereira Braga, os seguintes organismos:

- Federações: do Livro e do Jornal, Calçada dos Couros e Peles, Vinícola, Construção Civil, Ferroviária, Metalúrgica, Mobiliária, Corticeira, Empregados no Comércio e Indústria de Conservas.
- União: Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, Vila Franca de Xira, Pórtio, Evora, e Portimão.
- Sindicatos: Construção Civil: de Lisboa, Pórtio, Guarda, Sintra, Matosinhos, Fafe, Faial, Almada, Valença do Minho, Cascais, Evora, Alcains e Ponte de Sôr.
- Manufactureiros de Calçado: de Lisboa, Portimão e Beja.
- Rurais: Cano, Cabeço de Vide, Vila Boim, Geromenha, Cabeço, Sêda, Borba, Vendas Novas, São Manços, Sousel, Evora, Graça do Divor, Sáfara, Fronteira, Benavila, Elvas, Montoito, Via Glória, Extremoz, Terrugem e Alter do Chão.
- Metalúrgicos: de Lisboa, Marinha Grande e Pórtio.
- Ferroviários: do Sul e Sueste, Minho e Douro e Lourenço Marques.
- Marítimos: Descarregadores de Mar e Terra da Vala do Carregado, idem de Almada, Marítimos de Sines, Tráfego de Lisboa, Fluviais de Lisboa, Pessoal de Cámaras, Marítimos da Foz do Douro, Marinheiros e Moços de Lisboa, Fogueiros de Mar e Terra de Lisboa, Pessoal de Rebocadores e Gazolinas de Lisboa, Descarregadores de Mar e Terra do Pórtio, Carpinteiros Navais de Portimão, Fragateiros de Portimão, Estivadores de Portimão e Chauffeurs Marítimos de Lisboa.
- Indústria Vinícola: Tanoeiros de Lisboa e Tanoeiros de Gaia.
- Gráficos: Impressores, Compositores Tipográficos, Litógrafos e Anexos Encader-

nadores de Lisboa, Liga das Artes Gráficas de Santarém, idem do Pórtio.

Corticeiros: de Silves, Barreiro, Aldega-lega, Almada, Lisboa, Vendas Novas, Castelo Branco, Seixal, Odemira e Abrantes.

Mobiliários: de Lisboa, Pórtio e Cesteiros de Gonalve.

Têxteis: Manufactureiros de Tecidos de Lisboa, da Covilhã, Gouveia e Pórtio.

Empregados no Comércio: do Pórtio e Empregados Menores do Comércio e Indústria de Lisboa.

Diversos: Confeiteiros do Pórtio, Mineiros de São Domingos, Chapeleiros de Lisboa, Operários Municipais de Lisboa, Vidreiros do Pórtio, Mistos de Evora, Alfaiates de Lisboa, idem da Póvoa do Varzim.

Manipuladores de Pão: do Pórtio, Braga, Figueira e Lisboa.

Algumas delegações sugerem dúvidas que breve se dissipam

Depois foi nomeada comissão revisora de mandatos que ficou composta pelos camaradas Vital José, Rozendo José Viana, Felisberto Baptista, Alfredo Lopes e Francisco Viana, e suspensa a sessão para a comissão referida rever as credenciais e elaborar o respectivo parecer.

Reaberta a sessão às 18.30 horas, Felisberto Baptista, na qualidade de relator da comissão revisora de mandatos, lê ao Congresso o parecer da mesma, segundo o qual estão representados directamente 113 sindicatos, por 144 delegados; 11 federações, por 15 delegados; 5 uniões de sindicatos, por 5 delegados.

A comissão registou igualmente mais a adesão de 22 sindicatos que por dificuldades financeiras não puderam enviar delegados.

O mesmo parecer refere-se à representação da União dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais, organismo central dos sindicatos aderentes à C. G. T., de opinião que o congresso deve aceitar a sua representação.

Alude também à representação da Federação dos Empregados no Comércio que enviou 2 delegados, um representando a zona norte, outro a zona sul, emitindo o parecer de que deve ser apenas aceite um delegado, visto o Congresso não poder aceitar a representação por zonas.

Conclui o documento da comissão revisora de mandatos por comunicar ao Congresso que também se encontra representada por um delegado a Federação das Juventudes Sindicalistas que deve ser aceite, segundo o expresso no Congresso da Covilhã.

Admitido o parecer inicia-se imediatamente a sua discussão. Fala em primeiro lugar o delegadado da zona norte da F. dos Empregados do Comércio. Considera lógica a representação dos dois delegados como os respectivos organismos entendem. Porém, condicionadamente, e sempre no desejo de bem harmonizar o incidente delega a representação da Federação no delegadado da zona Sul. No caso de não comparecer o caso fica liquidado por sua própria natureza.

António de Carvalho chama a atenção do congresso para o facto da União dos Empregados no Comércio do Pórtio não ter uma situação regular em face da C. G. T., pois não usa o expediente confederal como prescreve o estatuto.

Além de não considerar legítima esta representação, julga que se encontram numa situação pouco regular os sindicatos dos marítimos da Foz do Douro e dos Vidreiros do Pórtio.

A situação dos sindicatos marítimos aderentes à C. G. T.

Felisberto Baptista esclarece: O Sindicato dos Vidreiros do Pórtio reorganizou-se e deu a sua adesão à C. G. T. há mais de dois

## A Conferência dos Operários da Indústria da Construção Civil toma importantes resoluções sobre vários problemas

(Do nosso enviado especial)

### Sessão inaugural

SANTARÉM, 23.—A Conferência Nacional dos Operários da Construção Civil reuniu na sede dos Empregados no Comércio. As 17 horas iniciam-se os trabalhos, achando-se a mesa constituída por João Miranda, Alberto Dias e João Gomes, respectivamente presidente e secretários e sendo os três da Comissão Organizadora.

Abrendo a Conferência, João Miranda expõe que os fins dela visam a apreciar uma série de assuntos de carácter imediato, dos quais depende a salvaguarda dos interesses dos trabalhadores deste ramo de produção. Pede para os trabalhos a discutir e enumerados "na ordem" já publicada, a máxima atenção de todos os delegados. Em seguida João Miranda propõe que o delegadado da C. G. T. presida à sessão inaugural o que é aceite. Joaquim de Sousa, tomando a presidência, saúda a Conferência em nome da Central Operária, exortando a um breve discurso a tratar com todo o interesse os assuntos que irá apreciar, visto que eles são de interesse não só para os operários da construção civil como para todo o operariado. Refere-se ao passado revolucionário da organização ora reunida e espera que todos se integrem nesse fulgurante passado para o prosseguimento futuro.

Na mesa é lida uma saudação do S. U. Metalúrgico de Lisboa.

Procede-se à nomeação da comissão revisora de mandatos que recaiu nos camaradas A. Inácio Martins, delegadado do Pórtio; Cesar da Silva, da Secção Federal do Sul e Joaquim Alves Barão, de Evora, sendo, após, suspensa a sessão às 17.30.

A's 18.25 o presidente declara reaberta a sessão, procedendo-se à leitura do parecer da comissão revisora de mandatos, o qual aceita como boas todas as delegações, constatando a presença de 16 delegados para 8 sindicatos, Federação de Indústria, secções do Norte e do Sul, Bolsa de Trabalho e de Solidariedade e C. G. T.

Discute-se o parecer. Alberto Dias discorda da aceitação de Joaquim Alves Barão, delegadado do sindicato de Evora, porque, sendo este colectivo não é propriamente operário da construção civil.

Alfredo Lopes defende a aceitação daquele delegadado, por motivo de que as condições especiais em que se exerce a indústria na província, faz que muitas vezes se acumulem funções correlativas e ainda porque considera a classe dos calceteiros bem correlativa da construção civil, exemplificando com as formas de trabalho, mesmo em Lisboa.

Posta a delegação de Evora à aceitação, é aprovada por maioria e conjuntamente o parecer da comissão.

Em seguida é lido para ser votado na especialidade o regulamento da Conferência, tendo incidido discussão sobre o 4.º número, por este se referir às representações por profissionais.

Alberto Dias faz o reparo da contradição existente entre este número e a resolução tomada acerca da delegação de Evora, lembrando que a aceitação daquele delegadado implicaria a aceitação dos jardineiros e de outras classes.

Alfredo Lopes discorda da paridade apresentada por A. Dias entre calceteiros e jardineiros e propõe a alteração do número em discussão, para que possa aceitar-se as artes correlativas.

Na mesma ordem de ideias pronuncia-se João Miranda, resolvendo a Conferência, por maioria, aceitar a alteração proposta ao número 4.

Com a aprovação dos restantes números, foi aprovado o regulamento. A sessão encerrou às 19.30.

### 1.ª sessão

São largamente apreciados a crise de trabalho e os esforços para a atenuar

Abre a sessão às 22 horas. A mesa é constituída por Carlos Coelho, delegadado do Faial, António Inácio Martins, do Pórtio e Artur da Costa Pereira, de Cascais.

Entra na sala uma comissão representante do Congresso Rural que vem saúdar a Conferência, saudação que é retribuída pelo presidente da mesa que faz votos pelo bom êxito do Congresso dos Camponeses. É lida uma saudação da Federação dos Empregados no Comércio (zona norte) e uma credencial do sindicato de Alcains, cujo delegadado tomou assento.

Alfredo Lopes relata a ordem de trabalhos, já publicada em A Batalha, propondo que o secretário geral da Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil leia o respectivo relatório, o que é aceite.

E Alexandre de Assis quem lê o relatório, documento bem redigido onde se expõe com clareza os esforços expendidos pela organização para debelar a crise de trabalho, quer realizando demarções junto das entidades oficiais, quer procurando interessar os operários vítimas da crise.

O relatório trata da forma como a custa da acção da Bolsa de Trabalho, se conseguiu não só a abertura de obras em Lisboa como na província e afirma que nem sempre houve da parte dos desempregados a atenção devida pela situação difícil que têm atravessado, atendendo que a crise só terá uma solução real e estável na transformação da Sociedade.

E dada a palavra a João Miranda para relatar a acção da Federação da C. G. T. sobre a crise, trocando-se explicações entre este camarada, Alfredo Lopes, Luís Gonzaga e o presidente sobre a forma de relatar, visto não haver relatório escrito.

E posto à discussão o relatório da Bolsa de Trabalho e de Solidariedade, João Miranda faz depois um relato verbal dos esforços expendidos pela Federação contra a crise, lendo em seguida o extrato das conclusões da tese sobre o assunto foi aprovada no Congresso de Tomar.

João Miranda acrescenta que só devido à instabilidade dos governos com quem ti-

nam de tratar não foi possível dar maior praticabilidade à doutrina do parecer.

Alfredo Lopes, um tanto em discordância com a forma de apresentar os trabalhos da Federação, lê a moção referente à "Crise de Trabalho, Falta de Habitação e Higiene nas Moradias", já publicada em A Batalha, que é posta à discussão com o parecer da Federação e o preâmbulo da ordem de trabalhos.

Nesta altura entra na sala uma comissão do Congresso Gráfico a saúdar a Conferência, saudação que a Conferência retribui com entusiasmo, entre vivas às classes reunidas em Congressos e Conferências e a C. G. T.

Finda a leitura da moção, Alfredo Lopes justifica-a, demonstrando a intensidade progressiva da crise de trabalho e constatando que dos sindicatos interessados nem todos têm correspondido. Assim a comissão organizadora não podia deixar de vir com este magno assunto à Conferência, falando a linguagem da verdade, muito embora ela possa conturdir alguns dos organismos representados, cuja inércia dos militantes e da massa tem sido o melhor esteio das ambições criminosas do capitalismo, que só um acto de força poderá sustentar.

Refere-se à acção do Estado que é o maior culpado da crise, explicando, especialmente à assistência, que o facto de os operários da Construção Civil recorrerem ao Estado, é pelo motivo de ser aquele o maior patrão. Termina preconizando a preparação de um movimento geral no prazo de 25 dias para impor a solução da crise.

A. Inácio Martins, do Pórtio, apresentando os pontos de vista do seu sindicato, discorda das conclusões da moção, por as achar inviáveis; atento o estado de espírito dos operários da indústria, concordando todavia que se prepare um movimento, mas sem demarcar prazos.

João Miranda descreve as manifestações angustiosas que de todo o país vão concentrar-se na Federação, afirmando que só por um forte movimento de reacção se poderá afastar o espectro da crise, posto que de nada valerão os platonismos. Pode não se marcar um prazo para o movimento, sendo todavia indispensável que todos respeitem as responsabilidades que levarem da Conferência.

Augusto Francisco Canasira, Matosinhos, descreve a acção do seu sindicato para debelar a crise e o desprezo que as entidades oficiais têm posto na questão. Refere-se às obras do porto de Leixões que não correspondem, como o podiam fazer, para o emprego dos desempregados.

Resolve-se a declaração de um movimento geral de protesto quando for julgado conveniente

Alberto Dias julga factores principais da crise, a ganância do capitalismo e a intrusão de operários doutas indústrias que, não tendo coragem para lutar contra a crise das suas indústrias, vêm pesar na situação dos profissionais desta, contribuindo para um outro mal: a viciação da construção de moradias, chefiada por galeiros sem escrúpulos. Afirma, também, que nem todos os sindicatos têm actuado no sentido de atenuar a crise, podendo afirmar-se que só Lisboa, Almada e Sintra, e pouco mais, têm dado sinal de vida para este assunto.

Descrevendo a miséria a que estão sujeitos os operários de Lisboa, julga indispensável a persistência dos militantes na orientação da agitação necessária para despertar a massa operária e frisa o paradoxo em que o Estado se coloca quando afirma propósitos de baixar o custo da vida ao mesmo tempo que vai diminuindo a verba para construções e aumentando a destinada ao exercício.

Félix Gomes, da Secção Federal do Norte, e Moura Pais, de Almada, discordam do prazo demarcado para o movimento, por não ser possível prepará-lo convenientemente.

João Gomes, de Lisboa, julga bem demarcado o prazo, porque há que atender à situação miserável. Considera a crise uma nova manifestação do capitalismo internacional no sentido de esburcar os trabalhadores duma parte do salário e das 8 horas de trabalho. E precisa muita acção sobre a massa, porque só o seu esforço debelará a crise.

Carlos de Araújo propõe que se altere a disposição demarcando o prazo, mas que todos os conferencistas ao chegarem às suas localidades se esforcem para que o movimento se lance no mais curto espaço de tempo.

Alfredo Lopes, pela comissão organizadora, propõe que o ponto em discussão seja alterado, substituindo o prazo indicado por: "logo que julgue oportuno".

Cesar da Silva, da Secção Federal do Sul, afirma ser difícil que a organização alargue a correspondência.

Ernesto dos Santos, da Guarda, propõe que logo após a Conferência se proclame a greve geral contra a crise, para que os governantes e o patronato sintam a acção das vítimas do seu ludíbrio.

João Dias de Oliveira, de Alcains, saúda a Conferência e descreve a acção do seu sindicato em face da crise e no sentido de fomentar obras de interesse público, esforços que têm sido desprezados pelas entidades oficiais.

Barão, descreve também a acção do seu sindicato.

Artur da Costa Pereira, de Tires, concorda com o protesto, mas com a devida preparação para um bom êxito.

Alfredo Lopes apreciando as opiniões expendidas sobre o assunto, entende que, de facto, a preparação não é dispensável e carece de tempo, esperando que o aviso-lhe do inverno será o grande incentivo.

Felix, propõe que a Conferência marque o dia da eclosão do movimento.

Alexandre de Assis refere-se à forma como em Lisboa, no campo entristecido se substituem operários por soldados a quem se paga uma ridícula.

A Conferência resolve que uma comissão

## As reivindicações dos Vendedores de Jornais acolhidas com simpatia pelo Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal

(Do nosso enviado especial)

### 5.ª sessão

Aprovam-se as reivindicações dos Vendedores de Jornais

SANTARÉM, 22.—Reaberta a sessão começa a ser discutida a tese — "Reivindicações de carácter moral e material dos Vendedores de Jornais", entrando na discussão Manuel Matos, António Teixeira, José Leite, Alfredo Marques, Alves Pereira, todos salientando a exploração das crianças e a imoralidade a que elas são submetidas.

António Teixeira apresenta a seguinte emenda — acrescente ao 1.º número da moção inclua na tese, — que fica a partir da frase "os tutores", acrescentando terminar com a acumulação de venda promovida por indivíduos que já exercem outros mistérios, e largamente afectam os que da distribuição de jornais vivem exclusivamente. Não deve em caso algum ser permitido exercer este mister por indivíduos do sexo feminino menores de 21 anos.

O n.º 2 fica assim substituído, por proposta do delegadado dos Vendedores de Jornais de Lisboa:

"2.º Diligenciar para que as empresas jornalísticas reconheçam a caderneta profissional, que deverá ser passada pelas respectivas associações a indivíduos que provem o seu comportamento moral, e em harmonia com o que se refere ao art. 1.º."

E' lido depois um telegrama de saudação do Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército e outro de Manuel Afonso, apresentando a sua comunhão em espírito com o orden do dia de hoje pela unidade sem sujeição a Berlim, Moscú e Amsterdão.

António Costa dá conta, em nome da comissão encarregada de retribuir as saudações à Conferência têxtil, da missão desempenhada, entrando-se, a seguir, na continuação da discussão da tese da sessão transacta.

Manuel Matos propõe que ao n.º 3.º seja aditado: "quando no exercício das suas funções". Aprovado.

O n.º 4.º sofre diversa discussão por parte de António José Leite, Virgílio Moura Santos, Raúl Marques de Oliveira e Manuel Matos, sendo, por fim, aprovado por unanimidade.

António Costa propõe ao n.º 5.º a seguinte emenda: "Reclamar das empresas jornalísticas, e exercer uma acção constante para que a abertura da venda de jornais senão efectui além das 7 horas da manhã e com exemplares que cheguem para as requisições de todos os vendedores".

Aprovado, passa-se ao n.º 6.º, sofrendo a seguinte emenda de Alfredo Marques Pereira:

"Actuar junto das empresas jornalísticas para que os lugares de chefes de venda seja exercido por pessoas idóneas, e que a lista de inscrição seja feita por áreas e organizada colectivamente pelas Associações de classe, a fim de garantir a máxima equidade e em harmonia com as necessidades".

António José Leite, adita, merecendo igual aprovação, para "que o agente de jornais de Lisboa no Pórtio não possa recusar os jornais requisitados pelos vendedores; e mais que não possa vender, directamente ao público, jornais ao balcão na estação de São Bento".

Raúl Marques indigna-se contra o facto dos vendedores do Pórtio serem vilmente explorados pela agência dos jornais de Lisboa naquela cidade, estranhando que tal aconteça sem um único protesto do proletariado. Apela para que os delegados do Pórtio tomem isto na devida atenção.

Aprovadas as conclusões da tese, António Costa submete à sanção dos congressistas o seguinte documento:

"O Congresso, reconhecendo a justiça e os elevados intuitos humanitários das reclamações de carácter moral e profissional dos vendedores dos jornais de Lisboa e Pórtio, manifesta a sua solidariedade às referidas classes, e reconhece que as mesmas merecem o apoio das classes gráficas, para

vá saudar o Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal.

Após troca de explicações entre os conferencistas, a proposta que defende a imediata declaração da greve é rejeitada, votando-se à moção com a alteração proposta, que foi aprovada.

Alfredo Lopes relata a moção "Horário de Trabalho" já publicada em A Batalha.

Luís Gonzaga defende a moção, entendendo que não deve ser tomada como utópica a regalia de 6 horas de trabalho, visto que a regalia das 8 horas, antes considerada utópica, foi realizada pela Construção Civil antes de serem lei, e porque as 6 horas tendem a debelar a crise de trabalho.

João Miranda opina porque no movimento a lançar se reivindique o cumprimento integral das 8 horas, não abdicando todavia da pretensão das 6.

Em concordância ficam ainda A. Inácio Martins, Artur da Costa Pereira e Carlos de Araújo.

Posta a moção à votação é aprovada por unanimidade.

Antes de encerrar a sessão, Joaquim Alves Barão refere-se à situação especial da classe que representa, mas declara-se como cabouqueiro e por isso julga-se bem na Conferência.

João Miranda informa que tendo a comissão organizadora feito um cálculo para informar os sindicatos do custo aproximadamente de cada delegação, na circular que nesse sentido distribuiu, devido a um erro de tipografia, em vez de 350 saíram 250 escudos.

Refere o facto para evitar estranhasse dos sindicatos em face duma provável maior despesa.

Depois duma troca de explicações, é encerrada a sessão às 0.20 horas.

### 2.ª sessão

Resolve-se sobre a forma de manter o órgão da classe

Abre às 9.45 sob a presidência de Alexandre de Assis, secretariado por Gabriel de Moura Pais e Ernesto Gonçalves dos

que as suas reclamações sejam um factor. Aprovado.

António Teixeira apresenta, com carácter provisório, este n.º 9 à tese já aprovada: "Que o Conselho Interfederal procure a fusão dos dois organismos, terminando assim com incompatibilidades que aos dois muito prejudicam". Aprovado.

Isto refere-se à divisão dos vendedores de jornais no Pórtio.

Manuel Ardions, em nome do secretariado, encarregado de refundir os capítulos IV e V, a que já nos referimos, da tese "Sindicato da Indústria Gráfica", declara que o trabalho de que foi incumbido e mesmo secretariado não está bem de harmonia com as resoluções ontem tomadas, pois ficam os dois artigos, se bem que com plenamente remodelados.

O capítulo IV — Do Conselho de secções, fica com a seguinte redacção:

"Art. 15.º — O Conselho de secções será constituído pelos comités de secções e tem por missão coordenar a acção destes, promover trabalhos de propaganda, educação e estudo da questão económica-social.

"§ único. O Conselho de secções nomeará o Conselho Técnico que será composto por um membro de cada comité de secção.

"Art. 16.º — Ao Conselho de secções compete: Ficam os n.ºs do art. 17.º da tese: o 1.º como está e o 2.º com a seguinte redacção: "2.º Coordenar todos os elementos obidos pelos comités de secção, distinguindo os de ordem técnica, estatística e referentes ao bolsim de trabalho que serão entregues ao Conselho Técnico; os n.ºs 3.º, 4.º, 5.º e 6.º com esta redacção:

6.º. Nomear entre si um delegado por cada especialidade da Federação Portuguesa dos Trabalhadores do Livro e do Jornal e Similares. — Cap. V. Do Conselho Técnico fica assim a sua redacção:

"Artigo 17.º — Ao Conselho Técnico, onde reside a máxima força orgânica do Trabalho, desde o pequeno centro a oficina — ao grande aglomerado, o Conselho de Secções Profissionais e que, embora saído deste, tem uma função distinta e independente, compete: são os mesmos números 2.º a 5.º do capítulo Conselho Técnico.

Alves Pereira diz que a nova redacção está muito mais perfeita do que a da tese. No entanto, ainda não está de harmonia com a verdadeira estrutura moderna da organização dos conselhos de oficina e técnicos.

Deseja que sejam introduzidos ainda mais retroques.

Falam ainda António Teixeira, Delfim Pinheiro e outros.

Aprovados os artigos novos e os respectivos números, que vêm da tese, o secretariado apresenta mais este artigo, para as disposições gerais:

"Artigo 20.º — O regulamento do Sindicato de Indústria Gráfica deve consignar que estas disposições podem ser alteradas sempre que a experiência e as circunstâncias nele imprevisíveis c indiquem". Aprovado.

Os compositores tipográficos de Lisboa (delegacia) enviam a seguinte saudação:

"O Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal, tomando conhecimento de que os operários da Indústria da Construção Civil se encontram reunidos em Conferência, resolvem saudá-los e fazem votos para que continuem mantendo a mesma homogeneidade e espírito revolucionário, augurando que dessa magna reunião saiam trabalhos atinentes a, no mais curto espaço de tempo, se poder fazer a completa transformação da sociedade, baseada no sindicalismo revolucionário."



## O 18 DE ABRIL O general Adriano de Sá pulverizou as calúnias com que tentaram desacreditá-lo

Ao meio dia e vinte e cinco minutos é declarada aberta a décima quarta audiência deste longo julgamento que parece aproximar-se do seu termo. Entre as testemunhas de defesa que depõem conta-se o sr. general Adriano de Sá, coronel Freiria, Ferreira Martins e Coutinho Gouveia, tendo faltado o sr. general Roçadas e outros oficiais superiores do exército.

Depois em primeiro lugar o deputado sr. Joaquim Ribeiro, que confirma o pedido que lhe foi feito pelo ministro da guerra para ir à Rotunda falar com o sr. Cunha Leal. Do Avenida Palace telefonou ao dr. Pires de Carvalho, director da Penitenciária, perguntando-lhe se o sr. Cunha Leal, ali estava, tendo recebido resposta negativa.

O coronel Coutinho Gouveia abona o passado militar do tenente Valente, dizendo que de há muito em Portugal se vivia fora da Constituição. O coronel Freiria diz conhecer de há muito o tenente coronel Raúl Esteves e faz o elogio das suas qualidades militares. O coronel de reserva Ferreira Lima abona as qualidades militares dos srs. Raúl Esteves e Lúcio Lima.

O coronel Soares Branco abona o passado republicano do sr. Sinel de Cordes. O coronel Ferreira Martins é testemunha abonatória do sr. Raúl Esteves e do tenente Jorge Botelho Moniz.

O capitão Cameira é também testemunha de defesa do sr. Jorge Botelho Moniz, e instado pelo sr. Cunha Leal, elogia a acção ultramarina do sr. Filomeno da Câmara durante o governo de Sidónio Pais.

O antigo deputado sr. Miguel de Abreu, aprecia largamente a situação política do país, dizendo compreender perfeitamente o motivo que levou os acusados à prática do acto revolucionário, como revolta contra certos abusos do poder executivo.

O major Ribeiro de Carvalho diz que durante o tempo que occupou a pasta da guerra teve da parte do sr. Sinel de Cordes, quartel mestre general do Exército, uma valiosa e estreita cooperação muito útil à Pátria e às instituições militares.

O tenente Camilo Augusto da Silva é testemunha do tenente António da Costa que conhece há muito tempo, dizendo saber que não estava comprometido no movimento. O civil Eduardo Borges da Cruz é testemunha de defesa do réu Manuel Gonçalves da Silva.

O nosso colega de O Mundo sr. Mayer Garção ficou surpreendido por ter visto envolvido neste movimento o sr. Jorge Botelho Moniz, de quem faz o elogio político. Carlos de Sousa diz que o alagado Boaventura dos Santos esteve no dia 18 todo o dia na oficina.

O sr. Joaquim Eugénio de Vasconcelos afirma:

—Fui a pessoa encarregada de procurar o sr. Campos Monteiro, a fim de ser realizada uma conferência entre este senhor e o general Adriano de Sá. O general Adriano de Sá estava, de alma e coração, com o movimento de 18 de Abril, recuando, porém, que esse movimento não vingasse, visto que sargentos e soldados estavam todos dominados pelas ideias bolchevistas. Receava que a disciplina não pudesse ser mantida. Mas estava convencido de que o movimento era oportuníssimo e muito mais oportuno ainda se estivesse no poder o sr. José Domingos dos Santos, um político que o exército odeia e o país não grama.

A testemunha passa a ler cartas de pessoas que confirmam o seu depoimento, acerca das declarações que lhe foram feitas pelo sr. Campos Monteiro, e afirma:

—Desafio o sr. Campos Monteiro a vir aqui desmentir as minhas palavras—aquí ou em qualquer outra parte. Essas cartas são dos srs. Sá e Melo e Portugal da Silveira, que tomaram parte directa na questão.

A certa altura afirma:

—O sr. Campos Monteiro disse que não tinha sido intermediário entre o general Adriano de Sá e os revolucionários de 18 de Abril. Tanto ele se desempenhou dessa missão que veio propositadamente a Lisboa, tendo-se hospedado no «Suíça Atlântica».

Fui eu que paguei a conta do hotel. E tenho aqui também um colarinho e um par de punhos do sr. Campos Monteiro, deixados no quarto onde ele realizou a sua conferência com o general Adriano de Sá. Como v. ex.ª vêem—afirma mostrando os punhos e o colarinho—são inconfundíveis!

O sr. Cunha Leal:

—Não preciso de saber mais nada. A atitude do sr. Campos Monteiro, saindo para o estrangeiro nesta altura, deixa o general Adriano de Sá numa situação absolutamente equívoca...

A chamada do general Adriano de Sá produz, no tribunal, um sussuro de ansiosa expectativa.

Instado pelo sr. Tamagnini Barbosa, responde:

—Fui procurado por um parente meu para um assunto de que me pedia segredo, até para a família. Supuz, a princípio, que se tratava duma rapaziada. Fiqui me surpreendido quando esse meu parente me pediu para ter uma entrevista com o general Sinel de Cordes. Recusei-me, argumentando que o exército não devia meter-se em política.

Continuando:

—Esse meu parente perguntou-me a certa altura: «Então o tio acha que isto vai bem?» Respondi-lhe que não, mas que o remédio não estava em revoluções. Eu andava há muito tempo tratando com o dr. Campos Monteiro para ele me escrever um prefácio para um livro sobre a Índia. Em 7 de Abril, fui chamado ao telefone por este escritor. Dizia-me que se encontrava num hotel e pedia-me para ir com ele. Fui, e qual não foi o meu espanto quando ele me falou na conversa que eu tinha tido com o meu sobrinho, conversa que eu supunha já esquecida. Disse-lhe que era verdade e não se trocou mais nenhuma palavra sobre o assunto. No dia 27 de Abril—já depois da revolta sufocada—vieram as primeiras referências na imprensa, dizendo que eu estava implicado no movimento. Indignei-me. Essas notícias eram absolutamente falsas. Sobre o movimento nunca me pronunciei, nem a favor, nem contra—continuando no meu critério de que o Exército não tem por fim realizar revoluções.

A certa altura, a testemunha declara ter-se oposto à apreensão de jornais, após o 18 de abril, não tendo conseguido nada do governo, nesse sentido.

—Porque quem mandava não era eu: era o governo.

## Os rurais da região do Douro são vilmente explorados

RÉDE, 20.—Causou o mais extraordinário pânico entre os exploradores desta região o artigo que há dias A Batalha publicou verberando a infamíssima exploração de que são vítimas os humildes rurais que, graças à influência narcotizante do vinho e da religião, tudo consentem aqueles que desde sempre têm vivido à custa do seu esforço tão pessimamente remunerado.

De facto, os tais exploradores têm razão para se alarmarem vindo na primeira página do mais popular dos jornais um artigo que, pelas verdades que enumera e por ser o primeiro que a esta região se refere em termos desrespeitosos para «estas senhoras», vem talvez marcar uma época de revolta (quanto a nós bem justificada) entre os escravos que até hoje tem servido sem cessar os interesses dos vinhateiros durieneses. Quem sabe se A Batalha terá o condão de levantar, num brado forte e sentido, o primeiro grito de revolta entre os rurais destas roças?

Que felizes nos sentiríamos se tivéssemos conseguido que o trabalhador daqui ficasse conhecendo, ao menos, o jornal que sem desfalecimentos e com tanta energia tem defendido a causa dos humildes através de todas as perseguições.

Que grande mal representa para o rural a imprensa diária do norte que sanciona com tanta hipocrisia e pelo seu silêncio a situação verdadeiramente miserável do trabalhador do Douro! E que não há um único jornal da chamada grande imprensa que, num rasgo de generosidade, tente elevar a situação vexante em que estão aqui os desgraçados a quem a lavoura tudo deve!

Conhecemos de cór já as correspondências que daqui são enviadas para os grandes órgãos na imprensa. Todas elas falam das enormes despesas que o fabrico ocasiona: o sulfato e o enxofre caríssimos, a qualidade do produto diminuta, a «mão de obra» caríssima etc., etc.

A tal «mão de obra» é o bode expiatório desta corja infinita de parasitas! Para ela vai todo o ódio que só a desmedida hipocrisia poderia acarretar! «Mão de obra» cara, quando vemos que a dois passos da vindima se paga (?) aqui o esforço de 7 horas de trabalho por 2 e 4 escudos respectivamente para mulheres e homens!

Quem sabe se um dia terão de amargar a sua refinada exploração aqueles que hoje dão as leis nesta região maldita em que o povo verdadeiramente amodoraço, sobretudo pelo seu eterno alago, o padre, faça um brado unânime de liberdade abaten-do para sempre o seu negregado poderio.

O padre! Esse parasita infame, esse maldraço que à custa do povo sempre vive, impingindo-lhe em latim, tantas vezes estropeado, histórias da carochinha para amedrontar o seu espírito infantil, esse corno maldito que é acima de tudo e de todos o grande mal da região! Sob a sua nefasta influência o povo sente-se como que algemado e os seus movimentos sem liberdade, não podem arrancar a máscara do miserável tartufo! Os hábitos religiosos absorvem aqui todas as atenções!

E' quasi impossível ouvir-se falar alguém num pequeno espaço de tempo, sem que a palavra Deus, Cristo, Maria (virgem) ou qualquer outra ficção religiosa venha lembrar a educação defeituosíssima que aqui se ministra a estes autênticos escravos.

A igreja é tudo. Nela se fazem as orações e os convites para comenaias; os confissões e os empréstimos de dinheiro, tantas vezes por juros de desenfreado agio fazem; nela se fazem e se combinam enfim todas as maroteiras que o Povo consente graças à sua ignorância, sustentada com o maior interesse por aqueles a quem a Liberdade, a Verdade e a Luz ofuscam com o seu brilho inextinguível...

Camilo TEIXEIRA

## A monarquia na Grécia

ROMA, 23.—Segundo um telegrama de Atenas para o «Popolo d'Italia» está ganhando rapidamente alento um movimento monárquico.

Supõe-se geralmente que a restauração da monarquia terá como resultado uma mais energia política externa grega.

## Os drusos constituíram governo seu

STAMBUL, 23.—Os rebeldes drusos constituíram um governo independente da Síria.

## Francês sem mestre por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 páginas 15\$00

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de «A Batalha».

Exaltado, o general Adriano de Sá declara:

—A minha dignidade acima de tudo! O sr. Campos Monteiro nunca tentou aliar-me. Eu, portanto, nunca poderia ter-lhe dito o que aqui se afirmou. Quero sair daqui com a cabeça levantada, e o nome honrado que tenho quero deixá-lo a minha filha.

«Vou ler cartas particulares que o sr. Campos Monteiro me escreveu. Vou lê-las sem a sua autorização—mas a minha dignidade acima de tudo».

O general Adriano de Sá lê três cartas do sr. Campos Monteiro, uma delas com referências desagradáveis aos implicados no 18 de Abril.

—Em face de tudo isto—pregunta exaltado o sr. Tamagnini Barbosa—V. Ex.ª continua a ser amigo do sr. Campos Monteiro?

—A partir de hoje deixarei de ter relações com esse senhor.

O sr. Cunha Leal, que passa a interrogar a testemunha, começa por lhe dizer o seguinte:

—Preferia estar num campo de batalha a estar aqui dialogando com V. Ex.ª.

Também eu—responde a testemunha.

O sr. Cunha Leal passa a ler uma carta do sr. António Rodrigues Cavalheiro, dirigida a testemunha—seu tio—na qual se fazem graves afirmações acerca da atitude do general Adriano de Sá.

E o sr. Cunha Leal afirma:

—Sendo, de resto, o sr. António Cavalheiro, um cianócloro, conforme a expressão de V. Ex.ª, parece-me que não devia ter com ele conversas dessa natureza.

—Absolutamente de acordo—responde a testemunha. Mas era uma pessoa que eu sentava à minha mesa, não supondo que ele fosse o espião da minha consciência...

## Congresso Confederal

(Continuação da 1.ª página)

meses. O lapso de tempo que media da sua reconstituição à realização do congresso não é de 3 meses. Quanto ao sindicato dos Marítimos da Foz do Douro, de facto há uns meses que desejou desconfederar-se por razões de ordem económica. Porém resolveram, posteriormente, continuar na C. G. T. A União dos Empregados no Comércio, apesar de nem todos os seus componentes usarem o expediente confederal tem satisfeito sempre as suas cotas à U. S. O. e à C. G. T.

Prosseguindo, Felisberto Baptista diz que a União dos Marítimos e Fluviais é um agrupamento de organismos confederados e como tal o congresso deve aceitar a sua representação visto que se propõe defender os objectivos da C. G. T., e harmonizar a família marítima.

Silvino de Noronha explica a situação em que se encontram os sindicatos marítimos em face do rompimento de relações da Federação Marítima com a C. G. T. Conquanto ingressem na central dos sindicatos nem todos têm condições materiais para vir ao congresso, precisando, por esse facto, que alguém aqui defenda os seus interesses. Esse alguém está naturalmente indicado que é a União dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais, organismo que representa os sindicatos do norte e do sul do país que estão em concordância com a C. G. T.

António Tomás quer aclarar um ponto: Supõe que quando a comissão organizadora fixou o prazo para os sindicatos aderirem ao Congresso não o fez taxativamente, isto é, depois da data marcada qualquer adesão poderia ser aceite quando dentro das outras normas.

O delegado da U. E. Comércio do Porto confirma com vigor a exposição feita por Felisberto Baptista, no respeitante ao organismo que representa. Como delegado da zona norte da F. E. Comércio torna a declarar que declina do delegado da zona sul a representação da Federação dos Empregados no Comércio no caso dele a aceitar.

Saul de Sousa apresenta o seguinte requerimento:

«Requerio que seja posto à votação o parecer da comissão revisora de mandatos, sem prejuízo dos oradores inscritos». Foi aprovado por unanimidade menos um voto.

António Inácio Martins julga insuficientes as explicações de Felisberto Baptista, mantendo por isso as suas declarações referentes à União dos Empregados no Comércio do Porto.

António de Carvalho corrobora as afirmações do orador antecedente, declarando que isso não o leva a prejudicar o bom funcionamento do Congresso.

Posto em seguida à votação o parecer da comissão revisora de mandatos, foi este aprovado por unanimidade, com declaração de voto de alguns delegados. Em seguida foi suspensa a sessão, eram 18,30 horas.

## A guerra de Marrocos

Seisão no exército rifenho?

MADRID, 23.—Um comunicado oficial sobre a guerra de Marrocos diz que o bloco inimigo se decompôs, tendo-se revoltado contra Abd-el-Krim as tropas de vários sectores.

Na linha de batalha de Alhucemas diminuiu sensivelmente a pressão do inimigo.

Os espanhóis contra Adijir

MADRID, 23.—As tropas espanholas desembarcadas na baía de Alhucemas iniciaram hoje um movimento ofensivo na direcção de Adijir.

Os aviadores americanos vão abandonar a luta

NEW-YORK, 23.—O secretário de estado para os negocios estrangeiros sr. Kellogg, convidou os aviadores americanos, que se encontram a combater em Marrocos ao lado dos franceses, a abandonar a luta.

Um deputado francês comunista no campo marroquino

FEZ, 23.—O deputado comunista Doriot conseguiu atravessar a fronteira da Argélia, sendo o único membro da comissão comunista de inquérito que viu coroada de êxito a sua tentativa de entrada em Marrocos contra as ordens do governo francês.

## NA RUSSIA

Prisão de funcionários que prevaricaram

MOSCOW, 23.—Os soviets ordenaram a prisão de 124 oficiais e empregados do depósito militar de Leningrado, acusados de corrupção e descaminho de artigos confiados à sua guarda.

## Pró-paz...

ROMA, 23.—Em Ivrea iniciaram-se ontem as grandes manobras militares, para experiência da nova formação divisionária e da acção dos batalhões do novo tipo, providos de artilharia ligeira.

Tanto a facção que representa o exército nacional, como a do invasor, estão largamente dotadas com grandes esquadilhas aéreas.

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

## DESPORTOS

Sporting União Portugal

Realiza no próximo domingo, às 12,30 horas, uma festa desportiva, no campo de jogos do União Foot-ball Lisboa, em benefício do jogador do Sporting União Portugal, que se encontra há bastante tempo doente, Manuel Gomes.

Realizam-se os seguintes desafios de futebol: Grupo Sport Bom Sucesso contra Estrêla Foot-ball Club, para disputa da taça «Manuel S. Marcos», G. F. Nacional—Vencedores de Jorais F. C., taça «Manuel Gomes»; União F. Lisboa—Sacavense F. Club, taça «José Maria Amaral».

Agradecemos as 10 entradas de peão que nos foram enviadas para serem vendidas a favor dos presos por questões sociais.

Grupo Desportivo da Associação dos Bombeiros Voluntários de Ajuda

Realiza no próximo domingo, às 15 horas, no campo de São Vicente, cedido pelo Operário Foot-ball Club, uma festa desportiva a favor do seu cofre. Encontrar-se-ão o Ibérico Atlético Clube contra o Grupo da Associação dos Bombeiros, para disputa do Bronze Romão Ferreira, e as primeiras categorias do Operário Foot-ball Club contra o Lusitano Amadora Club, para disputa da taça Voluntários de Ajuda.

## TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Festas artísticas

Noite de festa entusiástica vai ser a de amanhã, sexta-feira, no Apolo, onde se realiza a recita dedicada a Ilda Stichini. A ilustre artista escolheu para o espectáculo a popularíssima peça «A Galderia», em que toma parte pela primeira vez, interpretando a parte de protagonista.

Notícias

E' no próximo dia 3 de Outubro que o Coliseu inaugura a nova época de circo.

## CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Rectificação

Pede-nos a U. S. O. de Faro que façamos as seguintes rectificações à notícia ultimamente publicada e proveniente daquela cidade: A sessão foi secretariada por Camilo Tavares e não por José Campos, como por lapso informamos; também usou da palavra Manuel Madeira, do Sindicato da C. Civil, cujo nome não foi citado; a informação foi enviada por aquele organismo e não pelo correspondente, conforme veio indicado.

## Sociedades de recreio

Sociedade Filarmónica «Alunos de Harmonia».—A comissão pró-banda promove hoje um sarau dramático e dançante.

## HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-á um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

## Vai construir-se um novo dirigível gigante

WASHINGTON, 23.—Foram entregues no ministério da marinha os planos para a construção do novo dirigível gigante, munido de seis motores, que deve substituir o «Shenandoah», há algumas semanas destruído por uma tempestade.

## Os progressos da viação

BERLIN, 23.—O engenheiro alemão Kamper inventou uma combinação do automóvel com o aeroplano, tendo obtido o maior êxito nos voos de experiência.

O novo invento vai ser em breve lançado no mercado alemão.

A sair por estes dias a 8.ª SERIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profundamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

## O Directório espanhol contra a cultura científica

Com o pretexto de combater os nacionalistas catalães, o Directório fechou muitos dos centros de ensino e de cultura mais notáveis da Catalunha.

Eis o nome dalguns:

A Escola Superior de Belas Artes, a Escola Superior de Agricultura, a Escola de Altos Estudos Comerciais, Estudos Normais, Escola de Enfermeiros, Conselho de Pedagogia, Escola de Administração, Escola de Indústrias e Comércio, e Comité de Educação Geral.

Além destas instituições há muitas outras que estão ameaçadas de morte com o pretexto de reorganização.

Uma das manifestações do espírito retrógrado do boçal Primo de Rivera está no seu procedimento para com o professor belga Dwellshauvers.

Este dirigiu um curso de psicologia no Laboratório de Psicologia Experimental da Catalunha, mas um subalterno de Rivera declarou que era ridículo este género de estudos. Por motivo desta afronta, mais de cento e trinta professores de ensino superior da Catalunha publicaram um protesto contra o Directório e de adesão ao professor Dwellshauvers.

A resposta do Directório foi demitir-lhes a todos em massa, depois de lhes ter exigido que se retratassem.

E é esta a obra civilizadora de Primo de Rivera, juntamente com as perseguições, prisões, desterro, condenações e execuções dos elementos mais em destaque das organizações operárias.

## ROS ASSINANTES DOS

## MISTÉRIOS DO POVO

Acaba a administração de A Batalha de pôr à venda 4 vistosas capas artisticamente ilustradas para encadernar os 4 primeiros livros da grande obra de Eugène Sue «Os Mistérios do Povo».

Encarrega-se a nossa administração de encadernar aos seus assinantes os referidos volumes, que podem desde já enviá-los para esse fim. As capas são distribuídas pelos seguintes episódios:

1.º livro: «A Braga do Grilheta», «A Fouchinha de ouro», «O carro da morte».

2.º livro — «O colar de ferro», «O carpinteiro da Nazareth».

3.º livro — «A vitória», «A mãe dos acampanhados».

4.º livro — «Ronan», o vagabundo.

Os seus preços são: Capas soltas, cada, 2\$50; idem e encadernação, 4\$00. Cada volume contendo entre 250 a 400 páginas, 10\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

## ACREDITA:

Na fratura geral, a tuberculosa, a anemia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico se têm um inimigo poderoso

## NUCLEO CALCINA

TÓNICO ENERGICO  
ESCIÉNTIFICO

Usado pessoalmente  
pelos nossos primeiros  
médicos

Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras

Laboratórios do Dr. J. J. Sarmiento Sarmiento

Dr. J. J. Sarmiento Sarmiento, 18 LISBOA

## INSTRUÇÃO

Aulas do Sindicato Único Metalúrgico

Continua aberta a inscrição para as aulas de instrução primária, português, espanhol, contabilidade e aritmética, para adultos e para menores.

Estes cursos estão a cargo da Universidade Nacional de Instrução e Educação.

O sindicato convida os seus sócios a matricular-se e a seus filhos, com o que não terão dispêndio algum, pois que basta apresentarem a caderneta sindical.

## OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Na Morgue deu entrada Maria Marques, de 39 anos, natural de Santarém, moradora no Poço das Cortes, Olivais, que se suicidou.

## Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5\$00.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço, 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5\$00.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6\$00.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. — (Desconto aos revendedores).

## Acaba de ser posto à venda:

## As três Internacionais

Amsterdam—Moscóvia—Berlim

Por SCHAPIRO

Interessante estudo, devidamente documentado, sobre a questão das Internacionais Sindicais dividido pelos seguintes capítulos:

I—Introdução. II—O despertar operário nas vésperas da guerra. III—O grande silêncio. IV—A esperança na revolução russa. V—As bifurcações sindicais. VI—Os princípios das Internacionais, A Federação Sindical Internacional, A Internacional Sindical Vermelha, A Associação Internacional dos Trabalhadores. VII—Influências políticas. VIII—Fusionismo e confusãoismo, A bandeira da 1.ª Internacional.

1 folheto de 36 páginas com uma elegante capa, 1\$00; pelo correio, 1\$20.

Pedidos à administração de A Batalha.

## Ultimas notícias O CONGRESSO CONFEDERAL

## Iniciou-se a discussão do relatório do Comité Confederal

(Do nosso enviado especial)

SANTARÉM, 24.—(Pelo telefone).—A 1.ª sessão é reaberta às 21 horas, no teatro Sá da Bandeira, com a mesa da sessão anterior, sendo lidos vários telegramas e ofícios de saudação.









## No Congresso Rural, que se encerrou com brilho, foi discutida a questão dos foros

SANTARÉM, 22.—A quinta sessão abre às 21 horas sob a presidência de Manuel Benito, secretário por Custódio Lobo da Silveira e Afonso Aveiro do Rego.

No expediente são lidos telegramas de saudação do U. S. O. de Évora, Associação de Calçado, Curos e Peles, Associação de Trabalhadores Rurais de Beja, de Almeida de Barros e de João de Sousa, organizador do sindicato de Coruche.

Na ordem dos trabalhos é lida a tese, «A orientação sindicalista dos sindicatos de trabalhadores rurais e sua Federação», de que é relator Joaquim Candieira.

Depois de lida, o seu relator aborda considerações sobre a mesma, citando os ataques de que a organização tem sido vítima nestes últimos tempos e as investidas que políticos têm feito para se apossarem da mesma organização. A organização dos trabalhadores rurais não é das que menos poupaditas têm sido. Desde os mais conservadores aos mais avançados, todos têm procurado proceder de igual modo. Mas são os comunistas quem mais mal têm procedido, pois desde a tentativa de absorção até à calúnia e ao espírito confusionista para o desmantelamento da organização, o que a mesma não tem prestado ao seu jogo político. E' por isso que a comissão organizadora deliberou apresentar aquela tese que só tem por fim obstar a que a organização rural seja pasto de ambiciosos.

Falaram a seguir Sebastião Biquilhas, Augusto Caldeirinha, Joaquim António Canilho, Vital José, Alfredo Bronze, Francisco José Chagas e Manuel Clemente, os quais foram unânimes em considerar perniciosa para a organização sindical a política de partidos, sendo por fim aprovada a tese por unanimidade.

Em seguida foi apresentado o parecer da comissão revisora das contas da Federação, que foi aprovado, e, em seguida, encerrou-se a sessão, eram 23 e meia horas.

### 6.ª Sessão

Preside a esta sessão, a última do Congresso, Vital José, secretário por João do Carmo Valente e Manuel Joaquim Cordeiro.

Na ordem dos trabalhos é lida a tese «Os foros, as ceiras de contrato e o povilhão, de que é relator António Tomás, que justifica a mesma numa longa série de considerações com inúmeros factos observados diariamente com muitos dos que são ou aspiram a ser proprietários.

F. J. Chagas entende que a questão dos foros tem muita importância para os rurais, pois se tem verificado que os foros abandonam a Associação, como sucedeu na sua localidade, e porque assim é a organização dos trabalhadores rurais não tem que se ocupar dela em defesa dos que passam a ser proprietários. No mesmo caso estão os cerejeiros e os pastores, não duma maneira tão prejudicial, mas, enfim, contrária ao interesse dos assalariados.

Falam no mesmo sentido João José da Silva e Caldeirinha.

Alfredo Bronze condena os foros e os foros. Se a organização defendesse os foros, lembrando-se apenas dos pequenos foros, ela teria que defender também os grandes e seria uma contradição grave e prejudicial defender-se o princípio da propriedade privada. A organização não pode servir para alentar e defender o egoísmo individual, visto que prejudica a causa de emancipação dos trabalhadores. No mesmo caso estão os cerejeiros e ganadeiros.

Na mesma ordem de ideias falam Manuel de Almeida Carvalho, Manuel Clemente Marques, Custódio Lobo, José António Paiva, Joaquim Candieira e outros, sendo em seguida suspensa a sessão, que reabriu às 14 horas.

Na reabertura da sessão tomou assento o delegado António Lourenço, da Associação de S. Faria, que não estava na localidade quando foi nomeado.

E' lido um telegrama da Associação de Almeida Nova de São Bento, explicando o motivo por que não se fez representar.

**Resolve-se retirar toda o apoio aos foros**

Mário A. Fonseca da Associação de Elvas, na ordem dos trabalhos, apresenta uma moção com as seguintes conclusões:

- 1.ª Que a Federação negue todo o apoio a reclamações que lhe sejam apresentadas sobre foros;
- 2.ª Que a Federação logo que tais reclamações lhe sejam apresentadas previna imediatamente as associações;
- 3.ª Que as mesmas associações repudiem toda e qualquer proposta no sentido de qualquer apoio a essas reclamações;
- 4.ª Que as associações ao receberem qualquer documento no sentido do exposto no n.º 3 as devolvam imediatamente;
- 5.ª Que as associações desenvolvam uma propaganda activa e eficaz junto dos ganadeiros e de todos os elementos trabalhadores;
- 6.ª Que esta propaganda tenha por fim arrastar esses elementos da indiferença e do critério errado em que vivem, pois só assim se poderá resolver tão magna questão;
- 7.ª Que as associações empreguem todos os seus esforços para cumprir estas deliberações do Congresso, pois se as cumpriram a classe rural terá dado mais um passo no caminho da emancipação operária.

António Tomás e Vital José dão largas explicações sobre o sentido em que a tese está redigida, para demonstrar que a mesma não defende a existência e os interesses de foros, do contrato de ceira e do pavilhão, que são a origem de novos proprietários.

Sebastião Biquilhas, Pedro Alexandre, F. J. Chagas, Joaquim A. Carrilho, Matias José de Oliveira, José Joaquim Candieira seguem-se na mesma ordem de ideias, depois do que foi aprovado o seguinte requerimento:

«Requerio prioridade de votação para o documento dos delegados da Associação de Elvas, por ser a que está mais em conformidade com o espírito da organização dos trabalhadores rurais.» — *Manuel Clemente Marques.*

Posta à aprovação essa moção é aprovada, ficando assim prejudicada a conclusão da referida tese.

Em seguida é apresentado o seguinte parecer sobre propostas que é aprovado:

«Sobre a moção da Associação de Calçado de Vide é nosso parecer que a mesma pode e deve ser aceite se, como explicou o delegado que a apresentou, a doutrina da mesma se aplica a questões de que a Federação se ocupe e que de algum modo sejam contrárias às decisões dos congressos corporativos, pois só nessas condições têm os sindicatos aderentes que ser ouvidos antes de a Federação tomar tais resoluções.

Sobre a moção da Associação de Extremoz é nosso parecer que o diploma sobre incultos de Ezequiel de Campos não atende ao desejo de que os referidos incultos sejam entregues aos sindicatos para serem cultivados em comum. E' uma lei burguesa para capitalistas e contrária ao desejo dos trabalhadores rurais. Quanto à abertura para atenderem à crise é já uma questão de que a organização se tem ocupado e se vai ainda ocupar o Congresso Confederal, sendo certo que grande parte dos trabalhos públicos são das Câmaras Municipais e que, neste caso, esses trabalhos devem ser reclamados em cada concelho pelos organismos de cada localidade.

Sobre a proposta da Associação de Vila Boim é nosso parecer que os seus três primeiros números devem ser aprovados e que o quarto já está atendido nas resoluções tomadas sobre a tese: «O trabalho das mulheres e dos menores na indústria».

Os números a que se refere esta última parte do parecer são os seguintes:

- 1.ª Que o horário de oito horas seja extensivo aos trabalhadores rurais, devendo as associações agir no sentido de o mesmo ser estabelecido na indústria;
- 2.ª Que todos os trabalhadores rurais se unam e se esforcem para fazerem terminar com os trabalhos de empreitada;
- 3.ª Que nenhum trabalhador rural se preste a trabalhar sem que saiba o que vai ganhar».

Manuel Clemente Marques apresenta a seguinte proposta:

«Considerando que a crise de trabalho se prolonga no seio da classe rural, proponho que para atenuar a crise cada sindicato nomeie uma comissão especial encarregada de tratar a questão dos sem-trabalho junto de quem os possa e deva empregar, comunicando os mesmos à Federação os resultados obtidos para que novas deliberações se tomem afim de se evitar a continuação de tão grande mal-estar.»

Esta moção, depois de sobre o assunto se pronunciarem António Tomás, Vital José, Joaquim Godinho Barradas, Joaquim Sebastião Biquilhas e Mário Américo da Fonseca, é aprovada.

São em seguida lidas saudações da Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, da Federação do Mobiliário, dos jovens sindicalistas de Lisboa, da Federação Metalúrgica, S. U. Metalúrgico de Lisboa, de Manuel Inácio Luis, jovem sindicalista do Porto, da Federação Marítima, da Associação do Pessoal da Imprensa Nacional, dos tipógrafos de A Batalha, da Junta Norte da Federação dos Empregados do Comércio.

Felisberto Baptista, apresenta as mais efusivas saudações ao Congresso, em nome do proletariado do Porto, como secretário geral e delegado da U. S. O. daquela cidade.

Aprecia a crise de trabalho, que acabou de ver tratada, e diz que uma das causas que tem determinado um certo prejuízo na acção contra a crise são os actos daqueles indivíduos que têm procurado introduzir o divisionismo no seio das massas e que têm desviado os militantes e com os quais, para bem da classe operária e da sua causa, é necessário não ter contempções.

Esta saudação é recebida com aclamações entusiásticas ao proletariado português.

**Aprova-se uma moção de protesto contra as perseguições governamentais**

Manuel Clemente Marques apresenta as seguintes moções:

«Os trabalhadores rurais ao encerrar os trabalhos do VI Congresso da sua indústria e não podendo ficar silenciosos em face dos actos praticados pelos governos da República, resolvem enviar o seu vemente protesto ao ministro do Interior contra as deportações dos operários para a Guiné e as prisões de outros por delitos sociais, que se encontram a ferros nas masmorras da República.»

«Os trabalhadores rurais da região portuguesa ao encerrar os trabalhos do VI Congresso saúdam efusivamente a C. G. T. pela sua atitude marcadamente sindicalista revolucionária. Da mesma forma saúda o jornal A Batalha pelas campanhas que tem levado a efeito contra todos os dogmas e prejuízos contrários aos trabalhadores e pela sua atitude sindicalista revolucionária.»

Valentim Adolfo João, do sindicato dos Mineiros de S. Domingos, saúda o Congresso em nome daquele organismo composto de trabalhadores que sentem e palpitam intensamente como a classe rural. Em seguida informa que o delegado que a este Congresso deveria vir representar o sindicato rural de Via Gloria faltou por ter adoecido.

José António Paiva apresenta o seguinte documento, a que o Congresso se associou aprovando-o:

«Em nome da Associação dos Rurais que aqui represento, associação dos rurais de Borja, apresento o meu protesto contra os mal intencionados que fazem parte das Associações de Almeida Nova de S. Bento, Val de Vargo e Coruche.»

**Armando Borghi, delegado da A. I. T., faz uma carinhosa saudação ao Congresso**

Vital José, presidente, comunica ao Congresso estar presente na sala Armando Borghi, delegado da Associação Internacional dos Trabalhadores, que é recebido aos vivos à A. I. T.

Armando Borghi confessa a dificuldade em se fazer compreender por não conhecer o português. Apresenta as saudações fraternais ao Congresso dos trabalhadores rurais e quer manifestar que os camponeses da Itália meridional, que sempre foram os mais activos e aguerridos, estão de alma e coração com os rurais de Portugal, nos quais vê, pelo que já tem ouvido no Congresso, muitos pontos de afinidade com os camponeses italianos.

Borghi, visivelmente comovido, recorda as lutas dos camponeses italianos em diferentes tentativas revolucionárias e que sempre foram esmagadas ferozmente pela burguezia enraivecida. Na tentativa de tomada das fábricas pelo proletariado italiano também os camponeses da Itália meridional quiseram seguir-lhes procurando tomar as terras, como os inquilinos quiseram tomar as habitações.

E se não fora a acção corajosa e traiçoeira dos políticos daquela tentativa de revolução sairia vitoriosa e seria o feliz início da libertação dos escravos das cidades e das terras.

A acção dos políticos comunistas, guiados por Moscúvia, assim como a dos sociais-democratas, não foi revolucionária, reacçãoária é que ela foi. E o resultado foi a vitória fascista, vitória que trouxe a destruição das sedes dos organismos sindicais, das Casas do Povo, Câmaras do Trabalho, das suas bibliotecas e jornais, a morte de inúmeros militantes, a prisão de muitos outros e se mais não houve foi porque centenas deles mais procuraram noutros países a guarda que não encontraram no seu.

Mas foram exactamente os camponeses que mais sofreram. A burguezia castiga sempre os actos de revolta do proletariado das cidades, mas, em certo modo, suportadas. Quando, porém, se trata de revoltas camponesas esse castigo assume caracteres de violência inaudita.

O proletariado das cidades não poderá fazer a revolução sem o concurso na acção do proletariado do campo. Assim se poderá explicar a feroicidade da burguezia quando este se manifesta, é porque tem conveniência em que os camponeses vivam separados e não acompanhem os seus irmãos das cidades nas conquistas da liberdade e da emancipação. Ela sabe que se os camponeses é ignorante e rude, tem contudo uma alma sã e porque assim é acompanhada com toda a sua sinceridade e simplicidade toda a acção que se destina à sua libertação. Por isso a burguezia reprime com feroicidade todos os seus movimentos.

Acompanhou na última sessão os trabalhos deste congresso e verificou a vitalidade da organização rural que a constitui através da discussão que presenciou e na qual notou um cunho de firmeza rude, mas de firmeza consciente e pura.

Termina reafirmando as suas saudações e declara que informará os camponeses de Itália que os camponeses de Portugal vivem intensamente e como os camponeses conscientes do mundo trabalham pela revolução emancipadora.

O Congresso ocupa-se depois do local onde se deverá efectuar o futuro Congresso, deliberando que seja a Federação quem o escolha assim como escolherá a data mais oportuna.

Procedendo-se em seguida à nomeação da futura comissão administrativa da Federação, recaiu a mesma nos seguintes camaradas: Quirino José, secretário geral, António Bibe, secretário adjunto; Joaquim José Candieira, secretário administrativo; Tiago José Verela, secretário arquivista e Inácio José Caetano.

Fala ainda Manuel da Silva Campos, secretário geral da C. G. T., que saúda o congresso e dirige aos congressistas as suas melhores felicitações pela importante assembleia que acabam de realizar assim como pelas firmes e proveitosas resoluções que acabam de tomar.

Vital José, presidente, dirige palavras de reconhecimento à direcção do Gremio Recreativo Operário de Santarém pela cediência das suas salas para a realização do Congresso, assim como pela atenção e carinho com que recebeu e sempre tratou os congressistas.

Faz um apelo aos congressistas para que, de volta aos seus sindicatos, procurem dar realidade prática às resoluções tomadas no Congresso e se esforcem por desenvolver o máximo labor para benefício da classe e da sua emancipação.

Encerra em seguida o Congresso aos vivos à A. I. T., C. G. T., A Batalha, humanidade livre, etc.

## SOLIDARIEDADE

Prá-José Pires de Matos

A sub-comissão recebeu mais as seguintes quantias:

Transporte, 923\$00; Operários da Nova Empresa Industrial do Calçado (Lisboa), 56\$00; Comissão Central (Lisboa), 90\$00; Gonçalves Correia (Beja), 5\$00; Grupo Luz e Liberdade (T. Novas), 16\$00; Hermogénio da Silva (Tomar), 10\$00; Anónimo (Castelo Branco), 5\$00; J. Santos, (Castelo Branco), 15\$00; Sindicato dos Descarregadores de Mar e Terra (Seixal), 25\$00. Soma, 1.154\$00.

## AS GREVES

A do pessoal gráfico das oficinas do Anuário Comercial

A comissão de delegados das associações interessadas em solucionar aquele conflito avisou-se, ontem, com o director-delegado daquele estabelecimento, tendo com ele uma demorada conferência. Depois foi dada conta da missão ao pessoal em greve, que alvitrou que a comissão voltasse a procurar hoje, pelas 14 horas, aquele senhor para lhe apresentar uma plataforma honrosa para a terminação do conflito, devendo o pessoal reunir-se pelas 15 horas para tomar conhecimento dos resultados desta nova «demarche».

**Impressores Tipográficos**

O Sindicato dos Impressores Tipográficos avisa os operários da especialidade que não devem ir trabalhar para o Anuário Comercial enquanto o seu pessoal se encontrar em greve.

**A cura das doenças pelas Plantas**  
3.ª edição — Preço 2\$00, pelo correio 2\$50 — Pedidos à administração de A BATALHA

## Na Conferência Têxtil foi aceite, em princípio, a constituição duma federação de indústria

SANTARÉM, 22.—Nas salas da Associação dos Empregados do Comércio iniciou-se a conferência dos operários da indústria têxtil, estando representados os seguintes organismos: sindicatos do Porto, Covilhã, Gouveia e Lisboa, respectivamente pelos camaradas Santos Júnior, Alves de Sá, Miguel Moreira, Lopes Jorge, José Respeito Mota e Henrique Marques, e pela C. G. T. Carlos Coelho.

A primeira sessão teve início às 14 horas. Não foi nomeada comissão revisora de mandatos, por ter sido reconhecido desnecessária, em face da pequena representação de organismos têxteis.

Henrique Marques, da comissão organizadora, diz que tendo a Secção de Federações da C. G. T. nomeado uma comissão, para elaborar os estatutos para a criação da Federação da Indústria Têxtil, vem em nome da mesma apresentar o resultado dos trabalhos a que tinha chegado, esperando que os camaradas conferencistas, apreciassem o mesmo com toda a sua boa vontade, a fim de que a constituição da federação fosse um facto.

Santos Júnior, dos têxteis do Porto, diz ser opinião do sindicato que representa o primeiro trabalho a apreciar seja o estatuto da Federação da Indústria Têxtil, pois que tendo algumas considerações a fazer, sobre os mesmos, isso poderá servir de base a uma boa inteligência que deve haver entre os organismos têxteis do país.

Diz ainda que o seu sindicato nomeou uma comissão para elaborar um documento para ser discutido na conferência, para cuja comissão foram nomeados 2 delegados da Delegação Confederal, esperando que o documento em questão seja devidamente apreciado, pois que traduz fielmente o sentir do seu sindicato. E' sua opinião que se deve constituir a Federação da Indústria, para a qual pode desde já contar com todo o apoio do sindicato do Porto, que tem já trabalhos encetados para a constituição dos sindicatos de Riba de Ave e Negrelos, que de certo darão todo o seu apoio à Federação.

Henrique Marques espera que da conferência seja constituída a Federação.

Igual desejo manifesta Alves de Sá pelos benefícios que isso trará para a organização existente e para os operários da indústria ainda não organizados.

Santo Júnior apresenta a seguinte questão prévia:

«Atendendo à necessidade que há em organizar os trabalhadores da Indústria Têxtil num organismo federativo. Os organismos têxteis representados na conferência realizada em Santarém resolvem:

1.ª Criar desde já a sua Federação de Indústria, desenvolvendo para isso em todas as localidades onde existam operários da mesma Indústria, uma intensa propaganda sindical auxiliados pela C. G. T., passando à discussão do projecto de Estatutos apresentados pela comissão organizadora da dita conferência.»

Lopes Jorge, dos Têxteis da Covilhã, diz estar o seu sindicato completamente de acordo com a constituição da Federação da Indústria, mas que no presente momento acha inoportuno tal iniciativa, pois que não é com os organismos presentes que tal se pode levar à prática.

Tem a opinião que se deve levantar uma propaganda tenaz para o levantamento dos sindicatos existentes e criação de novos sindicatos, só então se procurando criar o organismo federativo, já com bases sólidas onde assentar, o que entende não se poder fazer no momento, em consequência do pequeno número de sindicatos da indústria que existe.

Apresenta a seguir um parecer com as conclusões seguintes:

1.ª Que se desenvolva uma persistente propaganda de forma a conseguir organizar um regular número de sindicatos, de preferência nas localidades onde exista o mais elevado número de operários.

2.ª Que nos locais onde não exista número suficiente para organizar sindicatos, se devem criar secções agregadas ao sindicato mais próximo.

3.ª Que a propaganda especial para a constituição da Federação Têxtil, se torne extensiva a todas as outras classes.

4.ª Que se empreguem os melhores esforços para que a Federação seja o mais rápido possível uma realidade, tomando esse encargo o secretariado das Federações de Indústria, as Delegações de Propaganda Confederal, e os sindicatos que se encontrem com vida própria.»

Miguel Moreira, falando sobre o parecer do sindicato da Covilhã, diz ser sua opinião que se deve fazer todo o possível para que a Federação seja esta conferência.

Estão é certo representados nesta 4.ª sessão, mas como sucede haver 6 ou 7 sindicatos de indústria constituídos, podemos com autoridade constituir a Federação, e deixar a seu cargo, conjuntamente com a secção de Federações da C. G. T. a propaganda a fazer para a constituição dos sindicatos nas localidades onde não existam, motivo porque não concorda com o documento apresentado.

Carlos Coelho diz ser sua opinião, em face do exposto pelo camarada que o antecedeu de os organismos representados estarem em maioria, que se devia procurar constituir a respectiva Federação dando à mesma a necessária vitalidade para ela poder enfrentar a missão que lhe há de ser demandada.

E' certo que o número de organismos é pequeno, mas é possível que depois de constituída a respectiva federação esse facto sirva de incentivo aos camaradas da Indústria Têxtil para constituírem os seus sindicatos, como há pouco foi dito pelo delegado do sindicato do Porto, que já estavam em via de organização dois sindicatos, como sejam o de Riba de Ave e Negrelos, estando capacitado que, com um pouco de propaganda nas localidades onde existam operários têxteis, demonstrando-lhes as vantagens não só da constituição dos organismos corporativos, e respectiva federação, talvez dentro de pouco tempo a Federação que no momento se possa constituir por 4 sindicatos, amanhã possa ser em número de sindicatos filiados uma das Federações mais importantes, pelo elevado número de operários da indústria.

Diz mais não ser caso novo o constituir-se uma Federação com um reduzido número de sindicatos aderentes, mas que depois de

a mesma estar constituída vão os organismos aderindo, tornando as Federações aptas a desenvolver a sua acção.

Santos Júnior reconhece a necessidade da propaganda a desenvolver entre os trabalhadores da indústria, mas constitua-se a Federação e os sindicatos que aqui estão representados, emprestando-lhe o apoio dos organismos que representam, a sua vitalidade será um facto, motivo porque entende que deve ser pôsto o seu documento à aprovação.

São lidos neste momento telegramas de saudação do Conselho Têxtil dos Têxteis de Seda do Porto, Têxteis de Riba de Ave, Negrelos e da Federação da Construção Civil.

Usam da palavra, defendendo os pontos de vista já expostos pelos delegados da C. G. T. e do Sindicato do Porto, Henrique Marques, Miguel Moreira e José Respeito Mota.

São lidas saudações dos têxteis do Porto e de Manuel Cambra Júnior.

Lopes Jorge, da Covilhã, depois de considerações feitas no sentido de justificar o documento apresentado pelo seu sindicato, apresenta a seguinte proposta:

«Proponho que seja aceite em princípio a constituição da Federação Têxtil, e depois dum número relativo de sindicatos organizados, se dê realidade a tal organismo.»

Santos Júnior diz que em face da atitude tomada pelo Sindicato da Covilhã, aceitando a constituição da Federação, que quanto a si não é muito clara, declara nada mais dizer sobre o caso esperando o resultado da votação que vai incidir sobre o resultado da votação que vai incidir sobre a proposta apresentada pelo camarada Lopes Jorge.

Posta à votação, foi a proposta rejeitada pelos sindicatos de Lisboa, Porto e Gouveia, sendo por este motivo aprovada a constituição da Federação da Indústria Têxtil, sendo a seguir encerrada a sessão.

### 2.ª sessão

A's 21 horas começa a sessão, entrando-se imediatamente na primeira parte da ordem dos trabalhos que é a leitura e discussão dos estatutos por que deve reger-se a Federação da Indústria Têxtil.

Henrique Marques faz a leitura dos mes-

### MOVIMENTO OPERARIO INTERNACIONAL

## O despertar dos trabalhadores indígenas na Indochina

Os trabalhadores da Indochina que têm vivido em condições lamentáveis, graças à feroz exploração dos capitalistas estrangeiros, começam, agora, a despertar.

Assim na Sociedade Algodoeira de Tonkin abandonaram há tempo o trabalho 2.500 operários e operárias, depois de terem dirigido ao director da fábrica uma carta com as seguintes reclamações:

1.ª Um aumento de salário em relação com o custo elevado da vida.

2.ª Reintegração de 300 dos seus camaradas, que tinham sido despedidos.

Estes trezentos operários ocupavam-se em limpar, untar e conservar os teares, mas a direcção, querendo fazer uma redução de pessoal, demitiu-os.

Os outros empregados dos teares em número de 1.300, assim como os empregados nas máquinas, abandonaram, então, imediatamente o trabalho, em sinal de solidariedade para com os seus camaradas demitidos, aproveitando o ensejo para apresentar as suas reclamações.

## O chefe da C. G. T. italiana aproxima-se dos bandidos fascistas

D'Aragona, «leader» da C. G. T. reformista da Itália, foi entrevistado pelo redactor dum jornal fascista.

No decurso da entrevista fez ele saber a Mussolini que a C. G. T. estava sempre à sua disposição, colocando-se ao lado do poder, qualquer que ele fosse.

Eis as suas próprias palavras reproduzidas na Epoca, de Roma:

«Até agora os sindicatos agiram fora do Estado, mesmo contra o Estado; agora convém fazê-los agir na mesma direcção que o Estado, e que eles se ponham à sua disposição, sendo necessário. Estou, pois, de acordo, em princípio, com as reformas propostas pelos fascistas.»

Acêrca duma aproximação entre as massas sindicadas na C. G. T. e os fascistas, limitou-se a declarar que não discute a sinceridade destes, mas que não vê, pelo momento, no proletariado disposições favoráveis para esta aproximação.

Concluiu dizendo que espera com serenidade e sem prejuízos as reformas constitucionais fascistas.

Esta linguagem dum dos chefes da C. G. T. amsterdã não deve causar surpresa, porque, nas vésperas do assassinato de Matteotti, Mussolini tinha entrado em negociações com este organismo, a fim de provar à burguezia que o proletariado estava domesticado, e desejava tomar parte no poder.

Matteotti, apesar de reformista, revoltou-se contra esta colaboração, e foi por isso que os bandoleiros da camisa negra decidiram aniquilá-lo.

Mas passado um ano sobre a sua morte, d'Aragona volta aos seus primitivos amores sem se preocupar com o sangue generoso que o fascismo tem feito correr na Itália durante estes últimos cinco anos.

## Correio dos presos

**João Gomes.** — *Arelas.* — Vem a Monsant, grupo A, falar com João Marques.

**Federação Mobiliária.** — Os ceiteiros já responderam ao vosso ofício, mas segue nova resposta.

**DENTES ARTIFICIAIS** a 25\$00. Extracções sem dor a 15\$00. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20\$00. Dentaduras completas sem placa em «cauchú». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO  
R. Garrett, 74. 1.ª (Chi) de 40

mos, finda a qual todos os delegados são de opinião que os mesmos sejam discutidos na especialidade.

Foi aprovado o título: «Federação dos Operários da Indústria Têxtil em Portugal».

Passa-se à leitura do capítulo I, que é aprovado com a alteração do artigo 2.º que ficou com a seguinte redacção: «Desenvolver fora de toda a escola política ou doutrina religiosa a capacidade intelectual do operariado.»

O capítulo II foi todo aprovado.

O capítulo III foram aprovados os artigos 5.º e 6.º. O artigo 7.º aumentado com um número assim redigido: «Os delegados ao Conselho Confederal corresponder-se-ão com os organismos que representam, informando-os das resoluções tomadas pela Federação.»

O art. 8.º foi aprovado; o art. 9.º foi alterado como segue: «As decisões só serão válidas, quando esteja presente a maioria dos organismos.»

Art. 10.º aprovado.

Do Capítulo IV foram aprovados os arts. 11.º e 12.º e seus números 1.º e 2.º sendo este acrescentado com mais os seguintes: «3.º organizar estatísticas de produção, entre os organismos existentes, da Indústria Têxtil. 4.º publicar sempre que a situação financeira o permita um jornal órgão da Federação que se denominará o *Trabalhador Têxtil*».

O n.º 3.º do art. 12.º ficou redigido como estava, passando a ser o n.º 5.º, ficando o seu parágrafo único assim redigido: «A comissão administrativa, reunir-se há ordinariamente uma vez por semana, e extraordinariamente sempre que o julgue conveniente.

Art. 13.º e 14.º foram aprovados.

Art. 15.º foi-lhe acrescentado o seguinte: «Ao secretário adjunto: Redigir as actas, e os extractos das sessões da comissão administrativa, e substituir o secretário geral na sua falta. Ao vogal: substituir qualquer membro da comissão administrativa na sua falta.»

Os restantes artigos foram aprovados tal qual estavam.

Nesta altura foi suspensa a sessão para irem os delegados saírem os Congressos Gráfico e Rural.

## Vida Sindical

### COMUNICAÇÕES

**Ferrovários do Sul e Sueste.** — *Delegação de Lisboa.* — Realizou-se a reunião anunciada, em 12 do corrente, tendo assistido representantes do respectivo Sindicato, Comissão de Melhoramentos, Federação Ferroviária e Confederação Geral do Trabalho.

Ventilou-se demoradamente a questão das reclamações entregues, tendo a assembleia sancionado as resoluções tomadas na sede e nas reuniões de Lisboa. Tanto o delegado da Federação, como o da Confederação se referiram à necessidade de todos os ferroviários — tenham a categoria que tiverem — prestarem ao Sindicato a devida solidariedade, pois só desta forma conseguirão a satisfação das suas pretensões. Espiraram-se em considerações várias tendentes a provar a razão de ser da organização operária. Em seguida foi eleita a nova Comissão Executiva da delegação e aprovado as moções publicadas, tendo-se encerrado a sessão às 0,30.

### CONVOCAÇÕES

**Ferrovários da C. P.** — A's 21